

criatório. janeiro 2019

autor . sérgio miguel magalhães

categoria . artes visuais e curadoria

*Ser, um homem, uma mulher e uma criança **no** Porto, transformar-se em ser, um homem, uma mulher e uma criança **do** Porto - partes integrantes de um património reconhecido, acarinhado e indivisível. Essa noção de pertença traz em si um orgulho galvanizado da capacidade de reconhecer um todo, e nunca partes isoladas de uma cidade, de um abrigo, de uma casa. Neste caso, a casa é a cidade e cidade são as pessoas. **Eu, tu, ele, todos nós na verdade.** Saber aceitar esta interdependência, este ecossistema, significa valorizar as manifestações mais genuínas que daí advém.*



identificação

Artes Visuais

→ Sérgio Miguel Magalhães . Porto, 1979

Autor polímata, também conhecido como **MONSTRUKTOR**.

Desenvolve atividades de explorador crítico, curador de pessoas e mentes, através do seu sistema original de pensamento estrutural, crítico analítico e autoral.

Formado em arquitetura, FAAULP, especialização em Património e Paisagem, FAUP, interpola académica e profissionalmente, desde 2000 o *design* gráfico, *web* e produto, bem como a criação e estratégia de marca e por fim a curadoria.

Autor obsessivo, envolvido na busca incessante do nada, apoia-se no mote que define a sua personalidade : *live life learning how to die*.

Através da vasta experiência profissional, assume pelas artes visuais a autoria em diferentes campos de interesse artístico e cultural dedicados à leitura e semiótica da cidade.

— **desenho** : do património, do Porto, aplicável a mural, painel ou outras materializações de escala urbana, partindo das bases representativas do espírito do lugar ao resíduo temporal da história. **FBAUP**

— **fotografia e vídeo** : na representação da evolução da cidade pelo lugar da sua paisagem, num território que pode ser declamado em imagens. **ESAP**

— **performance de arquitetura e design gráfico** : desenho de plataformas digitais relacionada com a sinalização do lugar em sobreposição de camadas geológicas de interesse cultural e inspiradas nas referências visuais do novo momento cultural da cidade do Porto. **FAUP**

Sérgio Miguel Magalhães / 17.01.79 sergio.magalhaes@monstruktor.com / www.monstruktor.com / +351 917 440 099

Curadoria

→ Catarina Rodrigues . Porto, 1988

Enquanto diretora criativa e criadora define-se na perspetiva incansável do olhar desperto e consciente. Esse ato contínuo, quase inumano, permite seguir o caminho dedicado à novidade, à experimentação, à ligação entre equipas e às mãos que se alinham na busca pela excelência.

Formada em *design* gráfico e publicidade pela ESEIG desde 2009. Dedicada à direção criativa e direção de arte em ambiente de agência e estúdio, incorpora profissionalmente diferentes valências temáticas e estratégicas que passam pela comunicação, criação e gestão de marca e desenvolvimento de estruturas metodológicas nas áreas do *design* gráfico, *design web* e da arquitetura.

Consciente do mundo e dos contextos que a envolvem, vive imersa pela matéria líquida da dedicação e da vontade em pairar sobre a consciência, através do pseudónimo **awcat** . *all ways cat* o marco que incita a uma viagem incomum, que abraça o poder e a ambição de chegar a tantos outros, através do seu discurso singular.

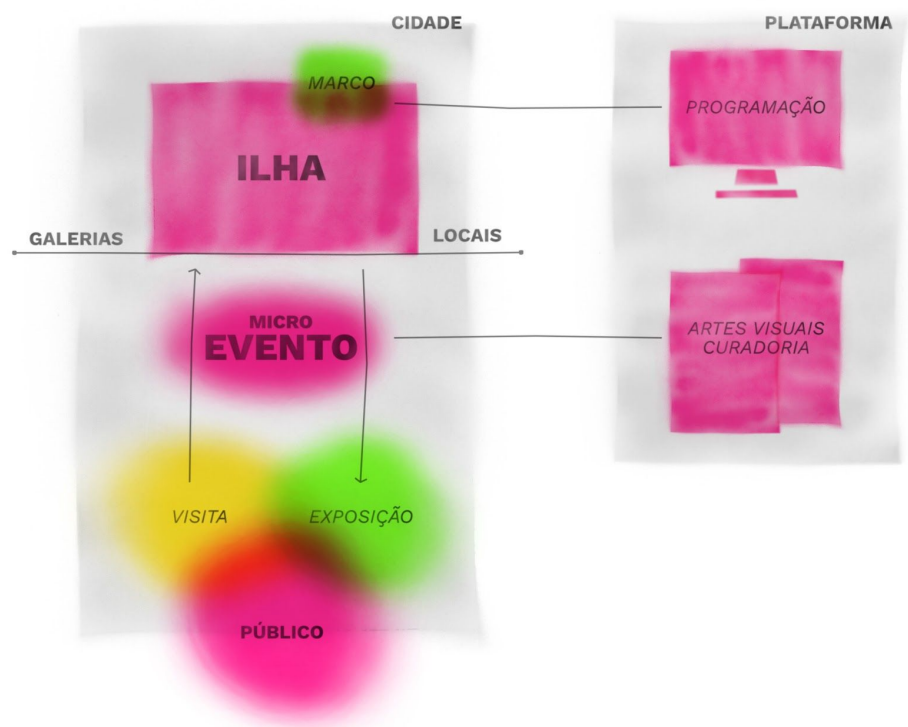
Cura-se a si e ao autor polímata, MONSTRUKTOR.

É através da ativação do património, o que reside nas pessoas tanto quanto é destes locais, que assume a curadoria deste projeto como a visão agregadora do autor e do seu tema, através das ativações criteriosamente selecionadas e propostas nas séries visuais a desenvolver. Uma simbiose entre os diversos campos de ação, técnicos e materiais, onde o mapa emocional da cidade ativa a sua marca patrimonial e nasce pelas mãos do polímata.

Catarina Rodrigues / 13.11.88 catarina.rodrigues@monstruktor.com / +351 911 746 849

PROJETO de ativação

1. reconhecimento do património potencial da cidade :
 - a. sobreposição curatorial #01 *as ilhas e a cultura das galerias indie*
2. marca patrimonial e conteúdos programáticos :
 - a. evento de inauguração, de continuidade em deriva urbana e exibição de encerramento
 - b. exposição de desenho, fotografia, *performance* de arquitetura e *design* gráfico em ambiente contexto *ilha*
3. novos canais de comunicação :
 - a. marco toponímico
 - b. plataforma digital



exposição da ideia e objetivos do projeto de criação

Ideia

Ativação e sinalização do território e da paisagem, no cruzamento entre a geografia das memórias com os lugares das histórias ainda por contar; as do arquipélago bio-etnográfico¹ e do novo mapa *indie* cultural da cidade do Porto.

— *As ilhas habitacionais . o património material e imaterial da cidade do Porto na proposta de um projeto de ativação contínuo de gentes, costumes, hábitos e do seu registo futuro.*

— *O símbolo físico . o reconhecimento e a marcação de pontos notáveis, auxiliares à deambulação orientada na cidade e através dela; garantem a descoberta aumentada de experiências de diferentes escalas e considerações percebidas (do homem, da mulher e da criança); a arte visual e a sua descrição do tempo passado e presente dos locais.*

— *Ativar.*

É este o mote da candidatura. Numa abordagem gratificante, direcionada às pessoas, na forma de cuidar e divulgar o património através de ações simplificadas, na forma de micro eventos que garantem a continuidade e presença cultural cíclica na cidade; representam o acesso público através de canais auto-difusores (as pessoas) pelo interesse em participar, em fazer parte, em ser Porto. É também neste enquadramento de proposta que se alinham os objetivos do criatório.

A escolha da categoria **artes visuais e curadoria** ajuda a perceber o impacto que quero dar ao projeto : uma abordagem associativa, ambiciosa e motivadora.

— *Mapear.*

Reconhecer numa cidade o seu património, nas suas experiências emocionais, sociais e físicas geradas desde o mapa existente, rigoroso, esclarecedor e coerente. As *ilhas* são um argumento da marca Porto, são elas que pertencem a todos e devem ser orientadas através de um discurso agregador, a partir da nova rede de galerias *indie*. As relações de proximidade entre o património cultural e os novos locais de exposição e galeria exigem ser exploradas a partir de novas deambulações, curadas e estruturadas desde os discursos entre o sujeito, o contexto urbano e o motivo. É a partir desses mesmos discursos que é selecionado o tema das **artes visuais**, pela escolha de meios de representação específicos, alavancando a programação de continuidade e descoberta dos locais sinalizados. Nesta perspetiva física é interpolado o acesso e a linguagem do *desenho urbano* enquanto expressão que materializa a evolução da cidade em suportes acessíveis a todos. Na definição do tema é gerado o discurso **curatorial**, através do mote patrimonial enquanto bem comum social, no qual incide de forma categórica o resultado emocional proposto ao visitante.

A ativação das *ilhas* enquanto espaços da arquitetura portuense e, acima de tudo como novos espaços de apropriação cultural, consolidam geracionalmente as pessoas (residentes ou visitantes), o tema e a programação dedicada ao novos lugares.

¹ A bio-etnografia do arquipélago portuense

Saiamos à rua. Num percurso típico de homem, mulher ou criança podemos descobrir os mais variados conceitos que irão para sempre influenciar, não só as nossas rotinas de reconhecimento do território como, acima de tudo, gerar as memórias dos lugares que nos marcam para sempre. Pela particularidade da sua personalidade, pela perspicácia ou pelo enquadramento especulativo/experimentalista, nós, seres, estaremos para sempre vinculados aos lugares **bio-etnográficos** que melhor representam o património cultural que acumulamos por escolha. Na rua, 03 entidades meramente representativas (o homem, a mulher e a criança) enfrentam a simbologia da cidade, essa que cada vez mais se alimenta de diferentes considerações materiais e imateriais através de discursos sociais e antropológicos potenciados pela experiência *per se*. A fisicalidade dos símbolos assume que o reconhecimento é garantido, é obrigatório, é fulcral à sua conversão para o meio digital.

Objetivos

957² *ilhas* na cidade do Porto. É evidente o seu cariz patrimonial, indissociado da sua origem, humilde e agrupada em classes sociais que mapearam a cidade na gravura original da sua forma de habitar. O território crítico que associa o lugar às suas gentes e combina a história com novas formas de acreditar.

— *Chamar a cidade às ilhas.*

— *Argumentar.*

Identificar, ativar, cultivar e emancipar. Este (novo) mapa de cidade que existe como novo resultado das camadas de informação existentes - agora sobrepostas numa curadoria do tecido sócio-cultural contemporâneo - assenta na obtenção da profundidade de conhecimento antropológico que gera de facto massa crítica ativada. Uma análise de dados, promotora de espaços completamente subjugados ao estereótipo que durante tanto tempo representou (a pobreza do homem, da mulher e da criança na mais básica das compreensões). As camadas de informação alvo de estudo, definem hierarquicamente a constituição basilar para a apresentação do conceito da marca patrimonial necessário estruturar :

1. **identificar** . *ilhas* públicas/privadas³
2. **sinalizar** . *ilhas* notáveis (ativação da marca patrimonial)
3. **selecionar** . galerias, objetos/espaços de interesse cultural e artístico na proximidade das *ilhas*
4. **coleccionar** . implementação progressiva do marco toponímico que identifica novas *ilhas/locais*
5. **comunicar** . criação da plataforma digital agregadora dos dados etno-biográficos em processo contínuo de recolha, registo e divulgação

Este raciocínio simples é suportado na sequência da sobreposição de informação mapeada, resultante do cálculo somatório entre a cidade + *o património* + *a paisagem cultural* = **bio-etnografia** do **arquipélago portuense** passado e presente.

— *O arquipélago da cultura desde a paisagem ao património pela marcação como um tagged territory, ilha a ilha, evento a evento, pessoa a pessoa.*

— *Transitar.*

É pelo processo de identificação que é oficializada a forma como são sinalizados os espaços relevantes. Este altar físico, eminentemente gráfico pela relação com as ações dedicadas às artes visuais, inaugura a *ilha* como o ponto notável numa integração efetiva com a forma de ler a cidade. Pela vigência do marco toponímico (o qual dá resposta às diferentes necessidades de visibilidade curatorial do lugar) a criação e implementação do objeto aponta a presença/lugar. Esse objeto assume ainda, por si e através de si, funções de : identificação físico-toponímica, identificação digital e a afirmação dos espaços como se de um marco geodésico na crosta da cidade do Porto se tratasse. Por este processo de identificação é alavancada a programação progressiva dos novos locais, como o argumento da transição elementar da informação e registo para o meio digital.

Através da programação cultural é accionado o património físico que, na migração para o meio digital, se proporciona numa plataforma de análise deste território, descrito em métricas, médias e algoritmos de apropriação, interesse e inovação cultural.

² 957 ilhas descritas na publicação oficial '**Ilhas' do Porto - Levantamento e Caracterização**
coordenação Isabel Breda Vázquez e Paulo Conceição

³ *idem*

Programação

Selecionados os locais, é agendado o evento de **inauguração**, os **micro eventos de continuidade** e o evento de **encerramento**⁴ dando continuidade à visibilidade proporcionada pela justaposição das artes visuais ao cenário territorial. A curadoria agora em regime de micro escala, através da disseminação e intercâmbio cultural entre as populações residentes⁵ e o público visitante, gera uma orgânica específica dos locais, do tema e das gentes residentes cruzadas com as gentes visitantes. Tudo isto com uma duração nunca inferior a 06 meses.

— *Expor.*

Inauguração : ilha da Bela Vista

O evento comporta o **início** e a explicação da iniciativa. O local, de interesse público, garante pela sua configuração interior o contexto ideal de raiz clássica e desde a *ágora* voltada para o cenário real de todo um território pleno de **senalizações teatralizadas pelas artes visuais**. É explorado o potencial do local pelas componentes imediatas do desenho, da fotografia, da arquitetura e do *design* gráfico. É na apoteótica leitura da paisagem iluminada pelos feixes de luz apontados ao céu que se apoia o **discurso curatorial** na marcação do panorama da cidade. Este é o primeiro momento, que pelo evento ilumina uma nova comunidade à volta do tema.

Continuidade : deriva urbana às ilha de São Vítor, Campanhã, Outros Sinais ...

Depois do arranque inicia-se o **circuito** que liga o património (*ilhas*) com o novo panorama da arte de proximidade (**galeria**). Esta é a primeira combinação selecionada, desde o mapa patrimonial, emocional e cultural da cidade, pela sobreposição referencial dos dados existentes. A consecutividade dos eventos permite a recolha de material bio-etnográfico em formato áudio-visual, conteúdo esse que assume a emancipação dos habitantes residentes na participação efetiva nesta plataforma de comunicação da **marca patrimonial ilhas**. A ligação afetiva com o património etno-biográfico atua como catalisador de pertença, partilha e divulgação em estratos sociais inusitados, com cruzamentos participativos e dinâmicos entre os locais ativos, os locais de proximidade e ainda **outras ligações orgânicas** ainda não identificadas e, que de forma fluida se vão anexar ao projeto. Pequenos pontos de interesse, de registo físico que agem sobre os **meios artísticos da representação, desenho e imagem do território**, são aplicados com o critério da narrativa, do registo e da recolha da interação dos participantes. Este registo é feito no decorrer das derivas agendadas, através de equipas existentes no panorama cultural portuense e que têm como objetivo a integração entre o objeto cultural das *ilhas* (físico, passivo e visível) e o público ativo, interessado e visitante.

Encerramento? : ilha do Bonjardim

A captação de interesse, de **participação**, pública, orgânica; o **conteúdo** recolhido, registo, áudio-visual; o **compêndio** artístico feito pelos meios de representação exclusivos; a **senalização** do território e a ativação da **plataforma** de comunicação são **exibidos** num conjunto de **projeções** no edificado imediato do envolvente construído. O grande feixe de luz congrega a população e a participação num novo suporte, construído como meio de informação e conhecimento da cidade.

⁴ Neste contexto, o evento de encerramento é definido como o arranque operacional do projeto pela publicação dos conteúdos agregados na **plataforma pública de comunicação da marca patrimonial**. Estes são o resultado da recolha e registo da experiência curatorial, artística, patrimonial, sócio-cultural e etno-biográfica. O evento não é percebido como o fim de uma programação definida no tempo pelos seus marcos temporais específicos mas, como a verdadeira ativação do projeto na sua vertente pública de comunicação e construção do universo cultural e patrimonial da cidade do Porto, para lá do criatório.

⁵ Os públicos devem abranger os habitantes residentes, a vizinhança (*galerias indie*) cultural de proximidade, pelo cruzamento que constrói o novo tecido urbano cultural nos projetos de galeria, estúdio, exposição e acionamento do potencial artístico local.

Exposição

Na inauguração, o território é sinalizado. Feixes de luz apontam no mapa visual da paisagem as hipóteses de ativação patrimonial.

— *Um clarão que nos surda com a realidade da história ainda tão presente.*

Em três atos de continuidade, nas derivas de, e para tempos e gentes diferentes, convido os sujeitos a deambular por entre painéis de acrílico, na cronologia colorida da representação pelo desenho, pela fotografia e pelo *design* gráfico. Uma *performance* que delimita o tempo e o espaço da relação etno-biográfica da cidade com as suas ações da memória futura. Esta fusão estética entre o elemento existente e o elemento autoral, é assumidamente o produto da instalação visual, a qual gera uma integração e interação de cariz experiencial e sensorial ao nível do resíduo emocional da memória. A noção estética individual vem sendo trabalhada em imagens programadas na mente dos participantes, desde a proximidade visitada dos locais de galerias *indie*, desde a personalização (e numeração) dos programas distribuídos e desde o discurso emocional que a *performance* constrói pelo registo áudio-visual do momento.

— *Sou tão parte desta história como tu, ele e eu.*

O encerramento, assume-se como a partida para ainda mais ativações, ações e sobreposições das inúmeras combinações possíveis, feitas desde a base analítica do panorama cultural da cidade. Com o lançamento da plataforma digital a marca patrimonial assume pela comunicação e acesso, o seu potencial e intenção curatorial. Pelas projeções no edificado do material recolhido, termino esta fase de registo e deixo as bases para a construção da memórias futuras do território marcado ainda por explorar.

